

Editorial

Gabriela Portugal¹

Catarina Tomás²

Neste número de *Investigar em Educação*, na primeira parte, compreendendo os artigos encomendados, são publicados dois textos que permitem construir uma visão sobre questões teóricas que se prendem com o tema selecionado - Educação entre Culturas. O primeiro artigo encomendado sobre o tema de capa de Marta Araújo discute a constituição na sociedade portuguesa da indústria da interculturalidade. A autora defende que esta propaga um conjunto de conceções, diagnósticos e medidas relativas à diversidade que auxiliam a legitimação de determinadas intervenções políticas e perpetuam as desigualdades étnico-raciais na educação. Da autoria de Maria Helena Araújo e Sá e Ângela Espinha, o segundo artigo insere-se no campo da Didática das Línguas e, abraçando o conceito de diálogo intercultural, debruça-se sobre a educação para a intercompreensão e diversidade linguística e cultural. Apresenta uma leitura do diálogo entre línguas ocorrido entre estudantes de ensino secundário de universos culturais diversos a partir de uma plataforma de comunicação à distância.

Na seção de artigos submetidos, que comporta quatro textos, abrange-se uma diversidade de temáticas: (1) relação entre dois espaços de cultura diversos, escola e museus; (2) de um currículo igual para alunos diferentes a um percurso curricular alternativo; (3) aprendizagem da língua gestual portuguesa por ouvintes e impacto pedagógico, linguístico e emocional nos alunos surdos; (4) *perfil do aluno* à saída da escolaridade obrigatória e organização do processo educativo com vista ao desenvolvimento de um cidadão disponível para respeitar e lidar positivamente com a diversidade social e cultural.

Assim, Susana Gomes convoca uma análise acerca da relação entre o espaço escolar e o espaço museológico, organizações com culturas e práticas distintas mas unidas na missão de prestar um serviço educativo que se complementa. No seu texto, analisa em particular as visitas de estudo. Gorete Pereira apresenta uma pesquisa realizada com uma turma de 5.º Ano de Escolaridade de Percurso Curricular Alternativo (PCA) onde buscou compreender os novos espaços de aprendizagem, de vivência cultural e social, a uma escala micro, e conhecer as visões e experiências de todos os envolvidos no processo. Na sua leitura, o PCA sustentou inovação pedagógica, construção de

¹ Universidade de Aveiro, Departamento de Educação e Psicologia, CIDTFF. Membro da Comissão de Redação da Revista *Investigar em Educação*.

² Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação e CICS.NOVA. UMINHO. Membro da Comissão de Redação da Revista *Investigar em Educação*.

projetos de vida pessoais, valorização e integração social. O terceiro artigo da autoria de Luísa Freitas centra-se no ensino da Língua Gestual Portuguesa (LGP). Faz a análise de como sujeitos ouvintes refletem acerca da aprendizagem da LGP e os múltiplos impactos daquela aprendizagem nos alunos surdos. No último artigo, Cristina Manuela Sá reflete sobre o recente documento emanado do Ministério da Educação português sobre o *perfil do aluno* à saída da escolaridade obrigatória, perfil que subjaz à construção de uma sociedade democrática, justa e inclusiva e que requer a formação de cidadãos ativos e críticos. A autora centra a sua análise no contributo que o ensino e aprendizagem da língua portuguesa poderá ter neste contexto.

Na rubrica Antologia, recuperamos o texto do pedagogo, etnólogo, historiador e crítico literário português Adolfo Coelho (1847-1919), *Esboço de um programa para o estudo antropológico, patológico e demográfico do povo português*, originalmente publicado em 1890. Ao propor este estudo, Adolfo Coelho considera o contributo essencial das “ciências étnicas” bem como da “antropologia, geografia médica e estatística” para a caracterização do povo português nas suas manifestações sociais. No sentido de aguçar a curiosidade do leitor, destacamos o seguinte parágrafo: “*não primam os alunos das nossas escolas pela aplicação ao estudo. Os perigos do surmenage, como podemos dizer em português, excesso de trabalho mental, não os correm eles. Pomos, está claro, de parte as excepções raras, promovidas pela pressa de chegar ao termo da carreira escolar e a fadiga e outros inconvenientes aliás sérios resultantes do trabalho de memorização de coisas muitas vezes ininteligíveis para os alunos, a qual domina no nosso ensino, por falta de métodos de observação directa, trabalho a que se exime em parte, por vários processos, o maior número dos estudantes. Mas se o excesso do trabalho mental é um perigo, a estagnação intelectual não o é menor, e os resultados desta aparecem bem claramente no nosso meio social*”. Pela sua riqueza socio histórica, e até certo ponto pela sua atualidade “antiga”, este texto oferece uma visão e contributos valiosos e muito interessantes aos investigadores das ciências sociais e da educação.

Respeitamos em todos os textos a norma ortográfica utilizada pelos autores.